

Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Histórias do mestre-dançarino-escritor Dominique Dupuy: uma vida em estado de arte (e combate)

José Rafael Madureira

Para citar este artigo:

MADUREIRA, Rafael Madureira. Histórias do mestre dançarino-escritor Dominique Dupuy: uma vida em estado de arte (e combate). **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 4, n. 53, dez. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573104532024e0801

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate

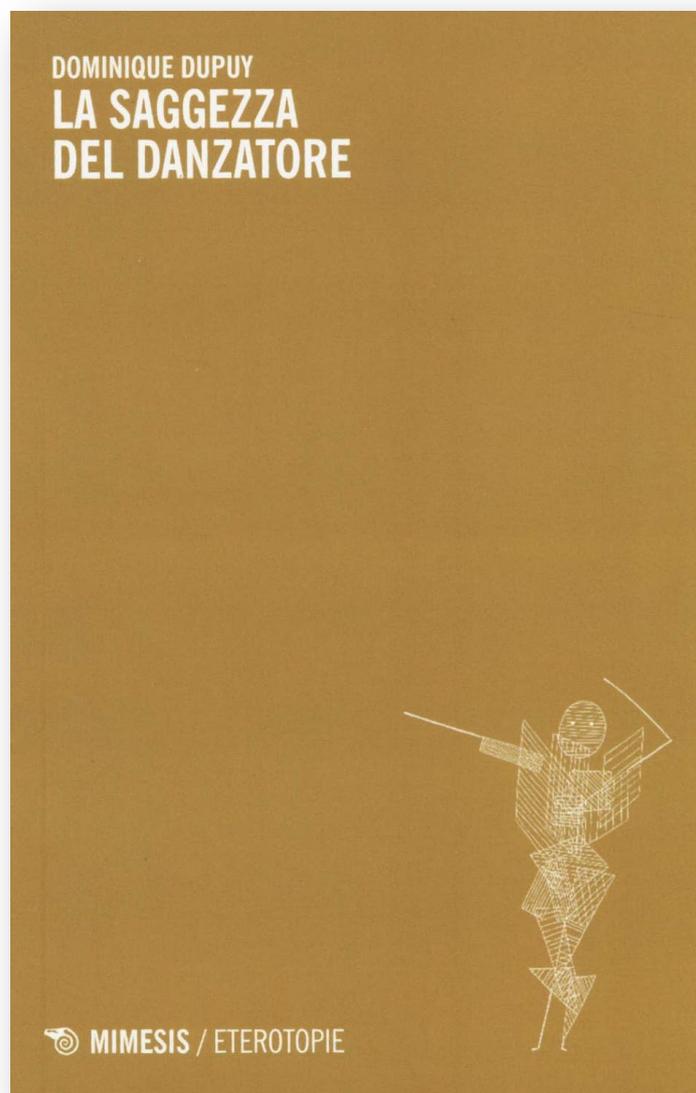


A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Resenha da obra

DUPUY, Dominique. *La Saggezza del Danzatore*. Trad. Eugenia Casini Ropa e curadoria de Cristina Negro. Milano e Udine: Mimesis Edizioni [Coleção: Eterotopie], 2014. 87 p. ISBN 9788857523132.





Histórias do mestre-dançarino-escritor Dominique Dupuy: uma vida em estado de arte (e combate)¹

José Rafael Madureira²

Resumo

Dupuy (1930-2024), uma das figuras mais emblemáticas da dança contemporânea francesa. A obra, publicada originalmente em 2011, é um ensaio poético no qual o autor costura memórias autobiográficas de uma longa trajetória artística (mais de 70 anos) com profundas reflexões sobre a dança, sobre o devir do dançarino e sobre os segredos da transmissão dessa linguagem ancestral e mágica. Para efetivar o nosso trabalho, debruçamo-nos sobre a versão italiana dessa obra, intitulada *La Saggezza del Danzatore* (2014) e magistralmente traduzida pela historiadora Eugenia Casini Ropa com a cumplicidade do autor.

Palavras-chave: Dominique Dupuy. Autobiografia. Dança. Filosofia. Pedagogia.

Stories from the dance master and writer Dominique Dupuy: a life in a state of art (and combat)

Abstract

Review of the book *La Sagesse du Danseur* (The Wisdom of the Dancer), by Dominique Dupuy (1930-2024), one of the most emblematic figures of French contemporary dance. The work (originally published in 2011) is a poetic essay in which the author weaves together autobiographical memories of a long-lived artistic career (over 70 years) with profound reflections on dance, on the development of the dancer and on the secrets of teaching this ancient and magical language. To carry out this work, we focused on the Italian version of this work (*La Saggezza del Danzatore*, 2014), masterfully translated by historian Eugenia Casini Ropa under the watchful eyes of the author.

Keywords: Dominique Dupuy. Autobiography. Dance. Philosophy. Pedagogy.

Historias del maestro danzarín-escritor Dominique Dupuy: una vida en estado de arte (y combate)

Resumen

Reseña del libro *La Sagesse du Danseur* (La Sabiduría del Danzarín), escrito por Dominique Dupuy (1930-2024), una de las figuras más emblemáticas de la danza contemporánea francesa. La obra, publicada originalmente en 2011, es un ensayo poético en el que el autor entrelaza recuerdos autobiográficos de una larga trayectoria artística (más de 70 años) con profundas reflexiones sobre la danza, sobre el devenir del danzarín y sobre los secretos de la enseñanza de este lenguaje ancestral y mágico. Para realizar este trabajo nos centramos en la versión italiana de esta obra (*La Saggezza del Danzatore*, 2014), magistralmente traducida por la historiadora Eugenia Casini Ropa bajo la atenta mirada del autor.

Palabras clave: Dominique Dupuy. Autobiografía. Danza. Filosofía. Pedagogía.

1 Revisão ortográfica, gramatical e contextual da resenha realizada por Leticia Olivares. Mestrado em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Letras pela Universidade Mackenzie.

2 Doutorado e Mestrado em Educação, Linguagem e Arte pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduação em Educação Física pela UNICAMP. Licenciatura em Música pelo Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS). Professor Associado junto ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).  joserafaelmadureira@gmail.com
 <http://lattes.cnpq.br/3840410194168195>  <https://orcid.org/0000-0002-8461-3132>



Dominique Dupuy nasceu no dia 31 de outubro de 1930 em Paris e faleceu recentemente, em 1º de maio de 2024, aos 93 anos de idade (pouco tempo depois do falecimento de Françoise Dupuy, sua companheira de vida e de dança). A notícia de que ele havia nos deixado, pessoalmente divulgada pela dançarina Paola Piccolo³, reacendeu uma vontade antiga de homenageá-lo em gratidão por todos os ensinamentos generosamente compartilhados conosco e com discípulos do mundo inteiro.

Dominique Dupuy não é uma personalidade muito familiar aos artistas e acadêmicos brasileiros da área da dança, embora ele tenha vindo ao Brasil em duas ocasiões (1995 e 2007) para ministrar conferências e ateliês de dança e interpretar um de seus *solos integrais* (muitas sementes foram lançadas nesses breves encontros...). Apenas em dois trabalhos publicados no Brasil (De Lima, 2023; Madureira, 2023) encontramos vestígios mais efetivos da presença de Françoise e Dominique e de sua importância para o devir da dança contemporânea francesa, o que em alguma medida reverbera no debate sobre a dança contemporânea brasileira.

Descrever a história de vida de Dominique, ainda que brevemente, não é uma tarefa fácil. Foram 70 anos em estado de dança, uma somatória extraída do intervalo estabelecido entre o primeiro espetáculo profissional protagonizado por ele junto ao *Ballets des Arts* – companhia dirigida por Jean Weidt – e intitulado *La Cellule* (1947), e sua última produção, *La minute de silence de Dominique Dupuy* (2017), uma performance filmada na grande sala do Teatro Nacional da Dança de Chaillot.

O que podemos indicar, muito rapidamente, é que Dominique, ao lado de Françoise, lançou-se em um mergulho visceral nas fontes da dança moderna-contemporânea. Juntos, e praticamente sozinhos, Françoise e Dominique enfrentaram, por várias décadas, as adversidades de uma sociedade (e um Estado) indiferente à potência revolucionária da dança: “Fiéis ao espírito de [Jean] Weidt, nós preservamos o sentido de uma *dança de combate*, uma dança-testemunho, uma dança-paixão” (Dupuy, 1990, p. 126, grifo nosso). O principal entrave ao projeto

³ Paola Piccolo esteve muito próxima dos Dupuy durante várias décadas, até o final, atuando como assistente principal de Françoise e intérprete de vários de seus solos.



de instauração da dança moderna na França era o *establishment* das grandes companhias parisienses de balé clássico, símbolo máximo de um regime opressor triunfante.

Além da carreira como coreógrafos, intérpretes e pedagogos, Françoise e Dominique atuaram no setor público junto ao Ministério da Cultura – sob os auspícios do governo socialista de François Mitterrand – e produziram inúmeros festivais, colóquios e encontros internacionais que reuniram artistas e intelectuais de envergadura como, por exemplo: Anna Halprin, Michèle Febvre, Michel Bernard e Laurence Louppe.

A capacidade criativa de Dominique é excepcional, assim como sua força produtiva. Não bastassem todas as frentes de trabalho supracitadas às quais ele se engajou de todo coração e de um modo ininterrupto, Dominique administrava mais uma: a escrita. Inspirado pela literatura e pela poesia, às quais ele nutria uma verdadeira devoção, Dominique escreveu durante toda a sua vida, desde criança. A escrita conquistou uma forma mais efetiva com os primeiros manifestos, cartas abertas e programas de espetáculos assinados por ele. Depois vieram os convites para a publicação de artigos em revistas especializadas, editoriais, capítulos de livros, prefácios e posfácios.

Pouco a pouco, a prática solitária de dançar e escrever, escrever e dançar, todos os dias, tornou-se um componente indissociável de sua vida artística, sempre *à l'œuvre* (como ele dizia), sempre *em processo*: “Antes eu me servia da escrita; agora, me consagro a ela” (Dupuy, 2011, p. 16).

Em 2011, no frescor de seus 80 anos de idade, Dominique publicou *La Sagesse du Danseur (A Sabedoria do Dançarino)*, sua obra-prima e que é, justamente, o foco desta resenha. Para concretizar esse modesto empreendimento, recorreremos à versão italiana da obra, intitulada *La Saggezza del Danzatore* (2014) e magistralmente traduzida pela historiadora do espetáculo Eugenia Casini Ropa sob o olhar atento de Dominique, que ficou muito satisfeito com o trabalho de sua amiga e parceira na construção de uma dialética entre a memória e o esquecimento. Foi ela, a propósito, com a gentileza e acolhimento de sempre, que nos presenteou com uma cópia do livro, poucas semanas após o falecimento de



Dominique.

A Sabedoria do Dançarino reflete o estilo da escrita (e da personalidade) do seu autor: textos curtos, objetivos, irônicos e provocativos, uma produção embasada em uma rigorosa pesquisa de fontes historiográficas e filosóficas, entremeada a muita poesia. Mesmo morando no centro de Paris, ao lado de dezenas de bibliotecas públicas, Dominique não precisava sair de casa para consultar essas bibliografias, tendo em vista o seu acervo pessoal, uma coleção com mais de dois mil volumes.

A Sabedoria do Dançarino não é um texto acadêmico; nenhuma referência bibliográfica assalta o leitor durante o caminho (e nem ao final). *A Sabedoria do Dançarino* é um texto literário, de caráter filosófico: o relato poético-autobiográfico de um “viajante sem bagagem” que, ao longo do século XX até o início de 2024, testemunhou muitas revoluções e tragédias, a começar pela Segunda Guerra Mundial e o governo colaboracionista de Vichy, que corroborou a hegemonia das grandes companhias de balé e legitimou o abuso sexual de meninas bailarinas (vide o caso *ballets roses*).

Durante o instigante trajeto pelas suas memórias, Dominique convoca uma legião de personalidades para estar ao seu lado: Françoise (evidentemente, sua “cúmplice de sempre”), Jean Weidt (seu ídolo desde a infância), Clotilde Sakharoff (dançarina “divina e inesquecível”), Élise e Roger-Louis (seus pais, grandes apoiadores da carreira artística do filho caçula e politicamente engajados contra todas as formas de opressão), Kazuo Ohno (“dançarino dos dançarinos”, que dançou para ele na sua casa-estúdio em Yokohama), Jerome Andrews (que foi um grande mestre para ele), Kitzi e Minette (seus *pets*; cão e gato, respectivamente), Laurence Louppe (com quem sonhou realizar um programa de visitas guiadas com turistas pelos silenciosos estúdios de dança de Paris), Fred Astaire e Gene Kelly (portadores de um “prazer inefável”), Charles Chaplin (“dançarino como poucos”) e os poetas Paul Valéry, Jacques Prévert, Paul Claudel, Philippe Jaccottet, André Suarès e Rainer Maria Rilke, entre outros literatos, artistas e intelectuais.

A Sabedoria do Dançarino, originalmente publicado em formato de bolso (*pocket*), intercala lembranças da infância, da juventude, da maturidade e da

velhice com profundas reflexões sobre o fazer poético do dançarino e as veredas delicadas e incertas de sua linguagem. O livro foi organizado em sete capítulos: 1. O quê? (*Cosa?*); 2. Jogo duplo (*Doppio gioco*); 3. A *dansée* (*La dansée*); 4. A armadura, a pele (*L'armatura, la pelle*); 5. Dos pés e das mãos (*Dei piedi e delle mani*); 6. *Vieillissage* (idem); 7. Viajante sem bagagem (*Viaggiatore senza bagaglio*).

A obra inicia-se com um bate-boca entre Dominique e um policial (discurso direto) ocorrido em uma *blitz* durante o movimento de Maio de 1968. O referido policial, ao tomar conhecimento do métier do suspeito e sem nenhum receio, disse: “Que profissão ridícula!”; Dominique não se conteve: “Não mais ridícula do que a sua” (Dupuy, 2014, p. 9). Resultado do conflito: um baculejo completo. A tragicômica anedota serviu de mote para várias reflexões sobre o (não)lugar do dançarino na sociedade, profissão desprestigiada, confundida com um passatempo (ou perda de tempo).⁴

A argumentação em defesa do dançarino desemboca na formulação de um elogio ao professor de dança, que não tem a função de “fabricar um bom instrumento [...] ele existe para despertar *o espírito* daquele que se propõe a dançar” (Dupuy, 2014, p. 14, grifo nosso). Dominique não se considerava um homem religioso, embora tivesse simpatia pela simplicidade do xintoísmo. O termo *espírito*, recrutado nessa passagem e em várias outras, é apresentado como contraponto à visão mecanicista e esportivizada de dança, uma realidade muito presente desde a juventude do autor em Paris (inicialmente com as danças de salão) e que ganhou ainda mais força em 2024 com o advento do *breaking* nos Jogos Olímpicos, curiosamente sediado em sua cidade-natal. Ainda sobre essa preocupação, recortamos três reflexões importantes:

Não existe dança se a dança não emana do espírito daquele que dança. Todo o resto é apenas ginástica, gesticulação, figura. A dança é o ato de criação daquele que se põe a dançar, que tomou essa decisão no seu íntimo e que está prestes a enfrentar um risco inaudito. [...] Dançar é a escolha ambiciosa e temerária daquele que decide se expressar sem recorrer a palavras (Dupuy, 2014, p. 14).

O corpo que dança não é um corpo que pode mais, ao qual ensinamos a poder mais, como o corpo do acrobata, do atleta, do competidor, do campeão... O corpo que dança é um corpo que pode realizar de menos,

⁴ No Brasil, a dança ganhou espaço político com o lançamento da *Frente Parlamentar em Defesa dos Profissionais da Dança*, presidida pelo deputado Carlos Zarattini (Câmara dos Deputados, 2023).

ou que pode realizar outras coisas. Falar do corpo como se faz hoje em dia com muita frequência quando se deseja falar de dança é substituir a poesia do movimento dançado pela prosa, que existe apenas para lhe garantir certa notoriedade (Dupuy, 2014, p. 31-32).

Muita facilidade no manejo do próprio corpo, muita habilidade e desenvoltura que conduzem a comportamentos garbosos, pode ser tão nefasto quanto o contrário. Na dança contemporânea, a virtude do dançarino não é o virtuosismo técnico, mas o refinamento, a exatidão, o sentido dado às coisas que são feitas (Dupuy, 2014, p. 17).

Em *A Sabedoria do Dançarino*, Dominique rememora alguns episódios de suas férias escolares no campo – acompanhadas de Jean Weidt e toda a sua família –, ocasião em que as lições de dança, sob orientação do *dançarino vermelho*, ocorriam todos os dias. Dançar ao ar livre (com pouca ou nenhuma roupa) é uma tradição advinda dos precursores do *Ausdruckstanz* (tais como Laban e Mary Wigman) e pelas gerações seguintes (Weidt e Kreutzberg, por exemplo), uma prática vinculada ao projeto austro-alemão de renovação da vida (o *Lebensreform*) por meio das práticas corporais (*Körperkultur* ou *Bewegungskultur*).

Françoise e Dominique retomavam essa tradição expressionista durante os estágios de verão realizados no *Mas de la Danse*⁵, afinal: “Dançar ao ar livre talvez seja a aventura de dança mais profunda que se possa conhecer” (Dupuy, 2014, p. 19).

Dominique sempre empreendeu uma busca incessante por novas formas e léxicos que pudessem dar conta de uma perspectiva muito peculiar da reflexão em dança que, para ele, era imprescindível: o ponto de vista do dançarino. Nesse sentido, ele recorreu à criação de vários neologismos; dois destes se tornaram títulos de capítulos da obra em análise: *dansée* e *vieillissage*.

Dansée é um neologismo recorrente, discutido em vários outros textos e entrevistas como conceito-chave de um pensamento em dança que não é inequívoco. *Dansée* ou *dançada* (na tradução literal com a respectiva declinação de gênero) “pertence àquele grupo de palavras que evocam uma ação; não um

⁵ Centro de estudos e pesquisas em dança contemporânea situado no vilarejo de Fontvieille (região da Provence, na França) e coordenado por Françoise e Dominique entre 1978 e 1986, e 1997 e 2007.

resultado, mas um impulso, uma trajetória [...] Todos os gestos do dançarino!” (Dupuy, 2014, p. 34). *Dansée* seria, inicialmente, uma tentativa de aproximação de certos vocábulos inexistentes no léxico da dança, mas comumente utilizados em outras artes da performance: *musicalidade* (referente à “essência misteriosa” do fazer musical) e *teatralidade* (referente à “essência misteriosa” do fazer teatral).

O verbo dançar, para Dominique, simplifica uma ação que é complexa e requer um engajamento completo do espírito, como vimos anteriormente. Com *dansée*, a distinção entre um ato artístico e a repetição de movimentos estereotipados (ou espontâneos) fica mais evidente, além de suscitar certo incômodo no interlocutor, o que pode ser interessante: “Será que *dansée* é a dramaturgia ou a musicalidade da dança que atingirá o outro a partir de sua presença? Será um dos lados mais singulares da dança, expressão do seu caráter efêmero e da sua finitude?” (Dupuy, 2014, p. 39).

Dansée não é tampouco um trabalho de improvisação, ao contrário: “Na *dansée*, o dançarino restitui um movimento já coreografado [...] produto de uma obra em processo [à l’œuvre]. Não é uma produção do instante, embora o instante tenha um papel determinante nesse processo” (Dupuy, 2014, p. 39-40); “O fio das *dansées* que enriquece essa memória [corpórea] é um daqueles momentos singulares no qual ela poderia ocorrer, distante das representações cotidianas” (Dupuy, 2014, p. 40).

Em relação ao termo *Vieillissage*, como nos explica a tradutora, trata-se da junção do verbo *envelhecer* (*vieillir*) com o substantivo *sabedoria* (*sagesse*), o que nos remete, imediatamente, à antiguidade clássica, à Cícero e ao seu pensamento sobre arte de envelhecer: “Sem dúvida alguma, a irreflexão é própria da idade em flor, e a sabedoria, da maturidade” (Cícero, 2006, p. 20).

Dominique aprendeu com Jerome Andrews que é possível dançar depois dos 40 anos de idade, um caminho proibido para a maior parte dos dançarinos profissionais (especialmente das grandes companhias de balé clássico). Dominique apostou nessa premissa e dançou até a idade avançada, como podemos verificar em sua interpretação, aos 84 anos, ao lado de Tsirihaka Harrivel,

da peça *Ato sem Palavras* (Samuel Beckett)⁶. Essa ousadia, um ato de resistência política, ilumina uma questão sociocultural complexa – o lugar do idoso na sociedade – que se desdobra em questões de educação estética: “O público não tem jamais o direito de apreciar um dançarino em idade avançada, além de ser privado do acesso a uma parte importante e desconhecida da dança” (Dupuy, 2014, p. 69); “A imagem da juventude colada à figura do dançarino é tão forte, tão impregnada, que até mesmo a ideia de um dançarino velho torna-se inimaginável, inconcebível” (Dupuy, 2014, p. 69).

A Sabedoria do Dançarino traz, ainda, várias digressões filosóficas sobre a dança e sua matéria poética: o corpo em movimento; a *armadura* que reveste toda a extensão do corpo (a pele); a sofisticação do caminhar, um gesto binário-pendular combinado com o tempo ternário da valsa dos pés (calcanhar-metatarso-dedos); as energias complementares da dança, o feminino e o masculino (o *Yin* e o *Yang* da tradição taoísta), muito presentes nas formas teatrais japonesas (especialmente o Kabuki); a eloquência das mãos: “Todas as danças étnicas oferecem grande relevo às mãos [...] Quanto às danças ocidentais, elas se esqueceram das mãos, oferecendo-as muito pouco espaço em sua panóplia de gestos” (Dupuy, 2014, p. 62).

Dominique finaliza a narrativa indagando a si mesmo como preservar a “bagagem” do dançarino na medida em que “quase a totalidade da arte do dançarino está destinada ao esquecimento” (Dupuy, 2014, p. 79). O registro videográfico ou a notação coreográfica, para ele, são procedimentos interessantes, mas não resolveriam o problema de uma linguagem artística edificada sobre o instante: “Será que a ausência de traços poderia ser um dos marcos mais autênticos da dança contemporânea? Assim, não há bagagem, não há viajante, há apenas a viagem” (Dupuy, 2014, p. 87).

Virginie Collet, multiartista da cena, publicou um testemunho espontâneo sobre *A Sabedoria do Dançarino*, dotado de grande discernimento, que não podemos deixar de compartilhar: “Finalmente um livro sobre a dança que não fala de performance ou virtuosismo, mas de felicidade, da riqueza de uma experiência.

⁶ Esse espetáculo pode ser integralmente apreciado no canal do Teatro de Chaillot, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4GHGtPwr2mQ>. Acesso em: 30 jul. 2024.



Esse livro me autoriza a continuar dançando, a despeito dos meus 40 anos de idade!” (Collet, 2013).

De fato, *A Sabedoria do Dançarino* é um livro sobre a experiência – no sentido filosófico benjaminiano (a *Erfahrung*) –, a experiência de uma vida dedicada à dança e aos meios de produzi-la, reinventá-la e transmiti-la a quem estiver disposto a assimilar um legado poético mágico e ancestral disputado por deuses do Olimpo:

A dança é um instante de pânico que Dionísio disputa com Apolo. Se a dança de Apolo é muito bela, estável, autoconfiante e aristocrática, a dança de Dionísio é instável, irrequieta, rústica. É na sutil aliança estabelecida entre os dois que o dançarino se revela e se expressa (Dupuy, 2014, p. 49).

Para finalizar esta resenha, declaramos estar de acordo com a avaliação de Dominique: Eugenia Casini Ropa realizou uma primorosa tradução de *A Sabedoria do Dançarino*, transportando cuidadosamente cada inflexão do dançarino-escritor do francês para o italiano. A versão em italiano, de certa maneira, está mais próxima da língua portuguesa, o que desperta a expectativa de termos acesso a uma versão brasileira dessa obra-prima (do italiano para o português).

Tratando-se de um texto literário, não podemos nem sonhar em arriscar uma aventura de tradução, seria muita imprudência, mas lançamos o convite à Adriana Aikawa, doutora em estudos da tradução (UFSC) e tradutora de vários textos de Eugenia Casini Ropa publicados em livros e revistas editados no Brasil, inclusive na *Urdimento* (Ropa, 2009). Seria uma bela homenagem em memória a Dominique Dupuy e um presente para quem se dedica ao ensino e à pesquisa em dança no Brasil, não seria?

Referências

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Lançamento da Frente Parlamentar em Defesa dos Profissionais da Dança*. YouTube, 5 dez. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lm9HA8PDrVU>. Acesso em: 16 jul. 2024.

CÍCERO. *Saber envelhecer*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM Editores, 2006.



COLLET, Virginie. *La richesse de l'expérience*. Virgine Collet (blog). 10 out. 2013. Disponível em: <https://virginiecollet.blogspot.com/>. Acesso em: 7 ago. 2024.

DE LIMA, Rosa Ana Fernandes. *Tradução da obra "De la création chorégraphique", de Michel Bernard: contextos, tensionamentos e relações a partir do olhar de uma artista-docente*. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/74077>. Acesso em: 7 jul. 2024.

DUPUY, Dominique. Jean Weidt. *In: ROBINSON. J. L'Aventure de la Danse Moderne en France (1920-1970)*. Paris: Éditions Bouge, 1990, p. 121-126.

DUPUY, Dominique. *Danzare oltre: scritti per la danza*. Trad. Eliana Amadio, Eugenia Casini Ropa, Cristina Negro e Martine Susana. Macerata: Ephemeria Editrice, 2011.

DUPUY, Dominique. *La Saggezza del Danzatore*. Trad. Eugenia Casini Ropa. Milano e Udino: Mimesis Edizioni, 2014.

MADUREIRA, José Rafael. Françoise Dupuy (1925-2022): a dança como afirmação da vida. *Conceição/Conception*, Campinas, v. 12, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8671354>. Acesso em: 13 ago. 2024.

ROPA, Eugenia Casini. O solo de dança no século XX: entre proposta ideológica e estratégia de sobrevivência. Trad. Adriana Aikawa. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 12, p. 61-71, 2009. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101122009061>. Acesso em: 2 ago. 2024.

Recebido em: 19/08/2024

Aprovado em: 01/09/2024

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br